

RELAÇÃO ENTRE O DIMENSIONAMENTO DE PESSOAL COM OS RISCOS OCUPACIONAIS

Julia Helena Gomes de Lima¹, Marcio Antônio de Assis²

1. Estudante do Curso de Enfermagem; e-mail: juliahelena_g@hotmail.com
2. Professor da Universidade de Mogi das Cruzes; e-mail: marcioassis80@gmail.com

Área do Conhecimento: **Ciências da Saúde**

Palavras-chave: Dimensionamento de Pessoal; Enfermagem; Riscos Ocupacionais.

INTRODUÇÃO

Uma das grandes dificuldades enfrentadas dentro do ambiente hospitalar é a má distribuição da equipe, e até mesmo a falta de recursos financeiros para compor a mesma devidamente, o que influencia de forma direta na atuação desses profissionais, que estão sujeitos tanto a cometer erros na realização de suas tarefas quanto a riscos ocupacionais diversos (SILVA et al, 2013). Problemas relacionados ao dimensionamento podem trazer graves consequências, uma gestão ineficiente coloca a equipe em uma situação de fragilidade, o que resulta em uma assistência sujeita a erros e iatrogenias.

OBJETIVOS

Identificar a relação existente entre o dimensionamento de pessoal e os riscos ocupacionais que envolvem a assistência de enfermagem.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa de campo, de caráter descritivo e exploratório com abordagem quantitativa. O estudo foi realizado no município de Mogi das Cruzes, na região do Alto Tietê, no estado de São Paulo, onde participaram 50 profissionais da enfermagem (auxiliares, técnicos e enfermeiros), de ambos os gêneros, sem delimitação de faixa etária. Como critério de inclusão foi estabelecido que os profissionais deveriam ter pelo menos um ano de experiência na área, além de atuar na assistência direta ao paciente e aceitar participar da pesquisa por meio da assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE). Para que a pesquisa pudesse ser realizada, o projeto foi encaminhado ao Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da Universidade de Mogi das Cruzes, e após ser analisado e aprovado o estudo foi iniciado. A coleta de dados foi dividida em três etapas, sendo a primeira voltada para identificar dados sociodemográficos que se referem às características dos participantes, a segunda etapa teve uma abordagem específica direcionada ao objetivo do estudo, tendo em vista que ambas foram realizadas por meio de questionário semi-estruturado, com questões abertas e fechadas. A terceira parte foi realizada por meio de um questionário de grau de satisfação realizado em forma de tabela. Ao fim da coleta dos dados, esses foram analisados através de uma abordagem descritiva, com a finalidade de obter resultados para então expor estes em forma de tabelas, gráficos, números absolutos e percentuais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Participaram do estudo 50 profissionais atuantes na área da enfermagem com idades entre 26 e 60 anos e com média etária de 39,58 anos, sendo a maioria (86%) do sexo feminino. Dos participantes 64% atuam como auxiliares de enfermagem, 56% são formados há mais de 10 anos e 52% atuam na área há mais de 10 anos. Quando questionados sobre a frequência em que utilizam os serviços de saúde, 76% alega fazer uso apenas “quando necessário”, o que evidencia um possível negligenciamento relacionado a própria saúde, considerando que a categoria está exposta aos diversos riscos ocupacionais inerentes as ações desempenhadas. Constatou-se que 38% dos funcionários possuem duas ocupações, o que os torna mais vulneráveis à episódios de acidentes e enfermidades relacionadas ao ofício. Segundo Dalri et al. (2014) os profissionais da área da saúde que trabalham em excesso estão mais propensos a adoecimentos mentais e/ou físicos, além de proporcionar aumento de absenteísmos, acidentes ocupacionais, esgotamento físico e emocional, erros de medicação, sobrecarga laboral e até mesmo a privação de lazer. Observou-se que dos participantes, 68% apresentou problemas de saúde após a contratação do serviço. Deste montante 11% apresentou dores frequentes na coluna, enquanto 16% doenças do sistema osteomuscular e do tecido conjuntivo, seguido de problemas de cunho emocional - 20%. É importante ressaltar que 88% alegou não ter problemas de saúde anteriores a admissão, em contrapartida os que responderam sim (12%) declararam que os mesmos não foram levados em consideração no momento em que foram contratados. A equipe de enfermagem está exposta a inúmeras situações que acarretam o afastamento por licença médica, o que aumenta o absenteísmo no contexto profissional e conseqüentemente compromete a saúde dos trabalhadores e dos pacientes que necessitam de uma assistência de boa qualidade (MARQUES et al., 2015). No que tange o excesso de trabalho, 76% dos participantes declarou trabalhar de forma sobrecarregada, 82% acredita ter sua vida pessoal afetada e 100% presume que o serviço que prestam é afetado em decorrência desse fato. Neste contexto é possível observar que a maioria dos profissionais está, de alguma forma, insatisfeito com a jornada de trabalho. Os profissionais de saúde estão expostos a cargas elevadas de pressão no ambiente laboral, por isso frequentemente se veem afetados pelo estresse ocupacional, o que causa riscos para o equilíbrio emocional destes indivíduos, este processo pode acometer o ser humano quando este concentra sua energia de adaptação de forma excessiva para encarar situações do meio profissional que extrapolem suas capacidades físicas ou psíquicas (OLIVEIRA e CUNHA, 2014). Quando questionados sobre os riscos existentes ao trabalhar de forma sobrecarregada, 58% dos participantes respondeu acreditar que o excesso de trabalho é o maior causador de problemas de saúde ao funcionário. Os profissionais de enfermagem são constantemente submetidos a riscos ocupacionais (químicos, físicos, biológicos, psicológicos ou ergonômicos) capazes de leva-los ao adoecimento, o que compromete todos os envolvidos (a equipe como um todo, o profissional em sua esfera laboral e pessoal e o paciente que pode vir a ser vítima de iatrogenias), dessa forma, quanto maior a jornada de trabalho, maior a exposição aos riscos (OLIVEIRA et al., 2013). A exigência de maior produtividade gera sobrecarga e desgaste, a ausência de respaldo institucional e de comunicação, bem como estrutura física inadequada, podem provocar cansaço, insônia e exaustão profissional, e têm sido indicadas como sendo estressores que tornam estes profissionais vulneráveis ao desenvolvimento da Síndrome de Burnout, que é resultado do esgotamento físico e emocional do indivíduo, causando decepção e perda de interesse pelas atividades exercidas nas profissões em que o trabalhador tem contato direto com pessoas em prestação de serviço, como conseqüência desse contato diário no seu trabalho (SILVA et al., 2016). Acerca do grau de satisfação dos profissionais da equipe de enfermagem quanto ao dimensionamento de pessoal no setor em que trabalham, foi evidenciado que a maioria dos participantes se sente insatisfeito com relação a carga horária de trabalho, bem como ao

número de profissionais por pacientes na assistência, divisão de trabalho para a equipe e a escolha da escala de trabalho. Neste contexto é importante destacar que a o grau de satisfação pode ser utilizado como um indicador de qualidade de gestão, que possuem como finalidade monitorar e avaliar a qualidade de um serviço, permitindo a identificação de problemas reais e potenciais, com a finalidade de implementar ações e monitorar os resultados (SILVA, 2016). Dentro das instituições de saúde a gestão em enfermagem pode ser compreendida como um instrumento que visa alinhar estratégias organizacionais às políticas de recursos humanos na performance dos profissionais e consequentemente na sublimidade dos serviços prestados. A obtenção do sucesso no processo de gerenciamento está diretamente ligada a capacidade do enfermeiro de adotar um comportamento apropriado de acordo com o perfil de sua equipe, bem como a utilização de metodologia na tomada de decisões, almejando melhoria da qualidade da assistência prestada e desenvolvimento pessoal/científico para o alcançar o objetivo proposto (CRUZ et al., 2016). O enfermeiro, como líder da equipe de enfermagem tem papel fundamental na coordenação dos processos de trabalho dos funcionários, em busca de efetivar de maneira eficaz uma assistência de qualidade e a satisfação no trabalho, que só é possível através de uma relação interpessoal satisfatória (SILVA, 2016). O enfermeiro, no exercício de sua função deve fornecer aos membros de sua equipe capacitação adequada para melhor desempenho de suas atividades, deve fornecer subsídios para que se torne possível um ambiente laboral livre de riscos, deve ter empatia para entender e aceitar as necessidades individuais de seus colaboradores e por fim, deve ser um gestor consciente, sabendo coordenar de forma humanizada e sensata. Essas ações são cruciais, e garantem, tanto ao líder quanto aos demais funcionários, maior segurança durante a jornada de trabalho. Dessa forma minimiza-se a probabilidade dos riscos ocupacionais gerados pela sobrecarga de trabalho e pelo esgotamento profissional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise e interpretação dos resultados obtidos neste estudo nos leva a uma reflexão muito válida acerca do quão frustrados, insatisfeitos e exaustos estão os profissionais da enfermagem no Brasil. A maioria dos participantes desta pesquisa demonstrou estar descontente com aspectos encontrados no ambiente laboral, como: as horas trabalhadas, a divisão de trabalho para a equipe, a escolha da escala, entre outros e neste contexto, o grau de satisfação profissional pode ser utilizado como um indicador de qualidade de gestão. Neste cenário se faz necessário repensar as práticas gerenciais capazes de promover segurança a equipe como um todo, levando em consideração o indivíduo de forma holística, atentando-se as necessidades profissionais e individuais de todos. O reconhecimento e valorização do trabalho, a organização racional, a postura e oferta de segurança são algumas maneiras simples fazê-los, garantindo a prática de um atendimento seguro, humanizado e qualificado aos usuários dos serviços de saúde e promovendo bem-estar aos profissionais que dedicam suas vidas a prestação do cuidado.

REFERÊNCIAS

CRUZ, P.L.; FERRAZ, R.R.N.; BARNABÉ, A.S.; FONSECA, S.U.L; EVANGELISTA, A.A; RAMOS, A.L.; FORNARI, J.V.; ARÇARI, D.P. **Os Desafios do Enfermeiro Gestor nos Serviços em Saúde.** Gestão em foco, 2016. Disponível em: http://unifia.edu.br/revista_eletronica/revistas/gestao_foco/artigos/ano2016/028_desafios_enfermeiro_gestor_servicos_saude.pdf

DALRI, R. C. M. B.; SILVA, L. A.; MENDES, A. M. O. C.; ROBAZZI, M. L. C. C. **Carga horária de trabalho dos enfermeiros e sua relação com as reações fisiológicas do estresse.** Rev Latino-Am. Enfermagem. v. 22, n. 6, p. 959-65, 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/rlae/v22n6/pt_0104-1169-rlae-22-06-00959.pdf/.

MARQUES, D.O.; PEREIRA, M.S.; SOUZA, A.C.S.; VILA, V.S.C.; ALMEIDA, C.C.O.F.; OLIVEIRA, E.C. **O absenteísmo - doença da equipe de enfermagem de um hospital universitário.** Rev Bras Enferm. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reben/v68n5/0034-7167-reben-68-05-0876.pdf>

OLIVEIRA, E.B.; SOUZA N.V.M.; CHAGAS, S.C.S.; LIMA, L.S.V.; CORREA, R.A. Esforço e recompensa no trabalho do enfermeiro residente em unidades especializadas. **Revista de Enfermagem UERJ**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 21, p. 173-178, 2013. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/enfermagemuerj/article/view/6847>.

OLIVEIRA, Rosalvo de Jesus; CUNHA, Tarcísio. Estresse do profissional de saúde no ambiente de trabalho: causas e consequências. Caderno Saúde e Desenvolvimento vol.3n.2, 2014. Disponível em: <http://www.uninter.com/revistasaude/index.php/cadernosaudedesenvolvimento>.

SILVA1, A.R.S; SOUZA, K.R.F; SILVA2, I.C.P; SILVA3, J.G.; OLIVEIRA, J.M.S. **Meio ambiente hospitalar e o risco ocupacional da equipe de enfermagem:** uma revisão integrativa. Cadernos de Graduação - Ciências Biológicas e da Saúde. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/index.php/facipesaude/article/view/1056/465>.

SILVA, R.M., ZEITOUNE, R.C.G.; BECK, C.L.C.; MARTINO, M.M.F., PRESTES, F.C. Efeitos do trabalho na saúde de enfermeiros que atuam em clínica cirúrgica de hospitais universitários. **Rev Latino Am Enfermagem.** 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/rlae/v24/pt_0104-1169-rlae-24-02743.pdf.